

ESPECTROS CRÍTICOS DE C.L.¹

Edgar C zar Nolasco (UFMS)*

Resumo

Passados trinta anos da morte de Clarice Lispector, podemos dizer, e aqui na esteira do que postula Derrida no livro *Espectros de Marx*, que a tarefa da crítica consiste em não insistir que se trata de um retorno   Clarice, já que ela ainda não saiu do cenário fantasmático da crítica brasileira, mas, sim, de um retorno de Clarice, ou seja, trata-se de levar em conta que uma certa spectralidade dela retorna por meio de comentários, exposi es, homenagens e seminários como este e se impõe, fazendo com que a própria crítica não resista ao que esse espectro re-tornado demanda com sua apari o (impressa, virtual, midiática etc). Embasado pelo que propõe a crítica biográfica, o ensaio discutir  tais espectros, dando especial aten o ao espectro crítico que se cria em torno da figura da escritora.

Palavras-chave: Clarice Lispector, *Espectros*, *Lispector*, *Estudos Culturais*

Abstract

Thirty years after the death of Clarice Lispector, following on what Derrida proposes in *Espectros de Marx*, it can be said that the critic's task is not to insist that it is a return to Clarice, since she has not yet left the apparitional scene of Brazilian critique. It is rather a return of Clarice, or in other words, it is about considering that her spirit returns through commentaries, expositions, tributes and seminars such as this. And this spirit imposes itself to the

critique itself cannot resist the demands (press, virtual, media, etc.) made by the appearance of this returned spirit. Based on what the critical biography proposes, this essay will discuss these specters with special emphasis on the critical specter, which is crated round the figure of the writer.

Key words: Clarice Lispector, *Specters*, *Lispector*, *Cultural Studies*

A hora espectral da estrela em exposi o

A exposi o, bem como o título da mesma — Clarice Lispector: a hora da estrela — ocorrida no Museu da Língua Portuguesa, com a curadoria de Ferreira Gullar e Julia Peregrino, não poderia ser mais oportuna no ano de 2007, por prestar ao mesmo tempo duas homenagens. A primeira pelos trinta anos de morte da escritora brasileira, ocorrida em 9 de dezembro de 1977. A segunda, porque desde o título a exposi o remete ao último livro da autora publicado no mesmo ano de sua morte. Talvez ainda não seja demais dizer que o pequeno grande livro   considerado pela crítica como uma das melhores obras desses últimos trinta anos da literatura brasileira. Entende-se tal afirma o crítica, não só pela temática social, cultural tratada na narrativa, bem como pelo lugar, papel e compromisso delegado ao intelectual naquele momento mas, principalmente, pela proposta revisionista crítica que a própria intelectual Clarice Lispector delega que se faça a seu projeto literário anterior. Se, conforme afirmou Antonio Candido sobre a

¹ Este ensaio faz parte de um trabalho maior que o autor desenvolve entre Clarice Lispector e a crítica biográfica.

* Edgar C zar Nolasco   Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Comparada, ambos pela UFMG.   professor dos cursos de Gradua o e Pós-Gradua o da UFMS. Tem cinco livros sobre Clarice Lispector: *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura* (Annablume, 2001) *Restos de fic o: a cria o biográfico-literária de Clarice Lispector* (Annablume, 2004), *Claricianas* (7Letras, 2007; este em co-autoria), *Caldo de cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector* (Ed. UFMS) e *Espectros de Clarice: uma homenagem* (org.) Pedro e João Editores)

jovem escritora, que *surgira do mais completo anonimato*, de que a mesma “não apenas modificara essencialmente as possibilidades da escrita literária no Brasil, mas obrigava a crítica a rever a sua perspectiva” (*Apud* Nunes, p.XIX), afirmaríamos que com a publicação de *A hora da estrela* a escritora exigia que a crítica não só revisse o que dissera sobre sua obra até então, como propunha uma nova forma de ler seu projeto literário como um todo.

Queremos aqui, apoiados no que postula a crítica biográfica, aproximar metaforicamente *A hora da estrela* Macabéa (1977) de *A hora da estrela* Clarice Lispector (2007). Partimos da Entrevista concedida pela escritora ao jornalista Julio Lerner em 1977, ano da publicação de *A hora da estrela* e de sua morte. Analisando a Entrevista, parece-nos que a escritora vive na própria carne o que já acontecera na arte, ou seja, em *A hora da estrela*, principalmente quando lembramos que a referida Entrevista foi concedida logo que ela terminara o livro e bem pouco antes da publicação do mesmo. Ou seja, estamos dizendo que Clarice, inconscientemente talvez, *transfere* para sua vida o que já acontecera dentro da ficção. Há, inclusive, inúmeras passagens da Entrevista que aludem diretamente a passagens reproduzidas na narrativa. Na verdade, na Entrevista às vezes Clarice fala pela boca de Rodrigo S.M., um de seus espectros mais representativos por um lado da história ficcional; porque, do outro lado, Macabéa complementa a espectrografia autoral.

Sobre a relação Macabéa e Clarice já tivemos a oportunidade de mostrar que a escritora blefa sobre a história de sua pseudo-heroína e é traída pela palavra. Ilustra nossa afirmação o que a escritora mesma diz na referida Entrevista:

Depois eu fui a uma cartomante e imaginei: ela me disse várias coisas boas que iam me acontecer — e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me pegasse e eu morresse depois de ter ouvido essas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história (CLARICE LISPECTOR (vídeo). Programa “Panorama especial” [transcrição livre]).

Entendemos que aí se iniciava sua traição pela palavra, visto que a escritora transfere para a vida de sua criatura o que poderia acontecer consigo mesma. Como também não deixa de reforçar a idéia comprobatória de que a história de Macabéa, o livro como um todo pode ser lido como uma biografia ficcional da escritora.

Mas, coincidentemente ou não, o fato é que Clarice pede ao jornalista que só torne pública a Entrevista depois de sua morte. Fica subentendido que ela já previra o que viria a acontecer consigo naquele final de dezembro de 1977. Tal despedida antecipada deixa-nos entender melhor o que ela dissera sobre o papel do escritor, do intelectual, ao responder que o mesmo *deveria falar o menos possível*. Se, contextualmente, o papel do intelectual brasileiro não

era aquele no momento, apesar de toda repressão, censura etc, entendemos que a escritora se referira a si própria, já que não só se aparentava cansada, como deixa razoavelmente claro que já tinha dito tudo o que teria para dizer. Soma-se a isso a constatação a *posteriori* de que ela se encontrava gravemente doente. De tudo, entendemos que o pedido silencioso feito ao jornalista de que só publicasse a Entrevista depois da morte contribuiu para uma primeira espectralização de si mesma se relacionada à história de sua criatura Macabéa.

Sempre na pauta do biográfico, lembramos que a última frase bem pronunciada por Macabéa, já quando se encontra entre a vida e a morte, é “Quanto ao futuro.” que, conforme seu autor Rodrigo S.M., deveria vir entre dois pontos finais. Inclusive desde quando tal frase aparece como um dos quatorze subtítulos possíveis para o livro.

Logo após anunciar que Macabéa morreu, Rodrigo S.M. faz um balanço da própria vida para concluir que *o melhor negócio é ainda não morrer, pois morrer é insuficiente, não o completa, ele que tanto precisa*, para arrematar: “Macabéa me matou” (p.97).

Quanto ao futuro de Clarice, podemos dizer que ele já se encontrava inscrito, interdito na forma de uma morte anunciada na expressão “Macabéa me matou” de Rodrigo S.M.

Para sua biógrafa Nadia Battella Gotlib, Clarice, ao final da vida, se transfigura em personagem de sua própria ficção, ou de sua vida ficcionalizada, “na luta vã de resistir à morte e de não partir novamente” (Gotlib, p.484). Ou seja, o que seria uma Clarice ficcional senão mais um espectro da Clarice escritora? Ou melhor: a partir de quando que aquela não ocupou espectralmente o lugar desta, confundindo e misturando para a recepção vida e ficção, verdade e mentira, morte e vida? Parece-me que, em se tratando de Clarice Lispector e sua produção intelectual, jamais poderemos saber ao certo. Os limites foram borrados, as heranças apagadas, a errância do(s) sujeito(s) rasurada entre a “bio” e a letra.

Nesse sentido, Olga Borelli, amiga da escritora, relata a Nadia Gotlib que *na véspera da morte*, Clarice, desesperada, “levantou-se da cama e caminhou em direção à porta, querendo sair do quarto. Nisso, a enfermeira impediu que ela saísse. Clarice olhou com raiva para a enfermeira e, transtornada, disse: Você matou meu personagem!” (*Apud* Gotlib, p. 484).

“Macabéa me matou” e “Você matou meu personagem” corroboram a espectralização de “estrela de mil pontas”, de mil personagens, múltiplas encenações e mistérios que rondaram a vida e a escrita da escritora a ponto de, mesmo passados trinta anos de sua morte, o visitante-leitor entrar no Museu da Língua Portuguesa e ali se deparar com mais um espectro da escritora a ponto de dizer em meio à visita pública da exposição: *Clarice Lispector está mais viva do que nunca*.

A exposição procura, *grosso modo*, desvendar o enigma Clarice Lispector para o visitante-leitor, ao trazer para a mostra cartas, notas, manuscritos, recortes e documentos da vida profissional e pessoal da intelectual. Dizem os curadores que “com uma ambientação intimista, a mostra pretende oferecer aos leitores uma chance de reencontrar a escritora” (Catálogo, p.8). Na verdade, entendemos que, ao agirem assim, a mostra possibilita que mais um espectro da autora se apresente para o visitante da exposição e para o leitor de sua obra, o que não poderia ser diferente. Sobressaem-se espectros de todos os documentos expostos, principalmente dos originais aos quais o visitante tem acesso pela primeira vez. Esboça-se aí, por conseguinte, não só novos espectros como também, e principalmente, uma revisitação crítica dos espectros (ou modos de ler criticamente) aprioristicamente concebidos, quer sejam da parte da crítica, quer sejam da parte do simples visitante. “Sonhamos provocar um sorriso encantado e atônito”, dizem ainda os curadores com relação aos visitantes da mostra. O esboço de um sorriso encantado e atônito contrapõe-se à imagem espectral da escritora que (a tirar pelas fotografias expostas e as reproduzidas no Catálogo) olha de soslaio, à deriva, para longe, perdido no espaço, quase sempre para baixo, e às vezes com uma altivez *à la* Marlene Dietrich.

Clarice Espectros

A vida de um homem, única assim como sua morte, sempre será mais do que um paradigma e outra coisa que não um símbolo. E é isto mesmo que um nome próprio sempre deveria nomear.

Derrida. *Espectros de Marx*

O título deste texto alude ao livro derridaiano, *Espectros de Marx*, mas é escusado dizer que em se tratando de Clarice Lispector ela desvela, desde o nome, a herança anagramática de espectros (Lispector).

Daí talvez ser um consenso da crítica brasileira de que só se pode falar de Clarice no plural. Quer seja por meio de sua vida, ou melhor, seus modos de viver, quer seja por meio de sua obra, ou modos de escrever, o que encontramos sempre é uma imagem, uma persona que se descentra para dentro, dispersando seus restos e passos corporais e escriturais. Isso corrobora, por sua vez, a não-pertinência de se afirmar que o projeto intelectual da escritora visou uma totalidade narrativa única, ou até mesmo uma única Obra. Talvez seja exatamente o contrário: a cada novo livro, a escritora operasse uma desconstrução da base estrutural anterior, o que, por sua vez, acabou espelhando a construção de um projeto não menos

espectral e em abismo. Nessa empreitada lúcida e crítica, pode-se dizer que a última intelectual Clarice Lispector, ou seja, a Clarice de depois de 64, foi implacável até com a Clarice Lispector modernista e “quase” romântica da fase inicial (1943).

Mil e uma Clarices se insinuam nas frestas da vida e da ficção. Simplificando todas suas *personae*, diríamos que não se pode negar que a Clarice mãe, mulher e intelectual ajuda-nos a compreender o retrato esgarçado, heterogêneo e múltiplo que a ficção encena a cada novo papel-texto, e vice-versa. Os aportes teóricos da crítica biográfico-cultural nesse sentido são esclarecedores.

Talvez seja por conta desse modo, desse jeito espectral, ou melhor, “espiritual” de Clarice se portar para ela mesma, para o outro, logo para a sociedade inteira (sua obra tornada pública reforça e endossa tal gesto), que se pode dizer hoje, sem grandes exageros, que *um espectro ronda a literatura brasileira — o espectro de Clarice Lispector*.²

Nem é preciso ser clariciano, basta gostar da literatura brasileira, ou simplesmente de literatura, para entender que a intelectual Clarice Lispector escavou um lugar abissal na tradição literária brasileira, relegando aos pósteros uma herança inegável. Se espectro não for assexuado, diríamos que o fato de Clarice ser mulher contribuiu para que a marca de tal herança se inscrevesse na história de nossa cultura intelectual, visto que na outra ponta tínhamos ninguém menos que um Machado de Assis. Espectralmente feminina, Clarice nos fez ver que *alguma coisa estava fora dos eixos* na tradição literária brasileira, ou seja, até então o falocentrismo desta. Salvo raríssimas exceções, ela enquanto escritora foi a mais contundente, mesmo que ainda travestida de uma timidez feminina; o que pouco importou, porque seu arrojo intelectual era ousado. Reconheço criticamente que Clarice Lispector não ocupa necessariamente esse lugar no qual estou querendo pô-la, nem muito menos seus espectros, que são muitos. Mas ao mesmo tempo inscreve-se aí a possibilidade de se pensar em o *meu espectro dela* e, por extensão, o da própria crítica. Sem esquecer que tal espectro está atravessado pela presença de um outro, o de Derrida, entre outros.

Sempre na esteira de Derrida, diríamos que os espectros de Clarice são também os dela própria, aqueles com os quais ela teve que conviver, que lidar, aqueles que a habitaram em vida, que apareceram e a fizeram ocupar-se deles. Nesse sentido, sua escrita pode ser tomada como um grande fantasma (aliás, fantasmática por excelência) desafiador, tanto quanto sua própria vida diaspórica, clandestina e nômade, na origem e depois, sempre, mesmo que ela tenha se voltado por razões de princípios e de coração para o lugar chamado

² “Se o espectro sempre é animado por um espírito, pergunta-se quem se arriscaria a falar de um espírito de Marx, ou, ainda mais seriamente, de um espírito do marxismo. Não somente para predizer-lhe hoje um futuro, como também para invocar a sua multiplicidade ou, mais seriamente ainda, a sua heterogeneidade” (DERRIDA. *Espectros de Marx*, p.17).

Brasil. Sua escrita é desafiadora para a autora e para seu leitor em vários sentidos. Enquanto escrita fantasmática, ela trai a escritora naquilo onde ela mais procura denegar, fazendo com que uma imagem espectral da autora se esboce num desenho, ou traço sutil na escritura. Derrida afirma que o espectro *é a frequência de uma certa visibilidade do invisível*. Daí quisermos inferir, tendo por base a relação entre a crítica e a obra clariciana, que tal imagem espectral não passe de uma criação imaginária da própria crítica que a vê projetada na tela não menos imaginária do texto clariciano. No caso específico de Clarice, sua tela-texto parece trazer sempre no fundo *uma estrutura de aparecimento-desaparecimento*, de algo interdito que se diz nas entrelinhas da escritura. A prática pensada de denegação da qual a autora se vale para sua criação reforça tal questão. A forma como escolhe, elege e propõe dialogar com seus amigos literários, no decorrer de sua produção intelectual, também só reforça a constatação.

Já que, para Derrida, a herança é um texto, diríamos que a crítica clariciana não passa de uma herança que herdou o lugar de falar da escritora, de falar de seus espectros no plural, posto que são tantos textos críticos, tantas Clarices, tantos espectros que não param de retornar a cada leitura, a cada tempo. A crítica enquanto herdeira não apenas recebe o direito de falar, mas também, e antes, escolhe e decide. *Grosso modo*, podemos dizer que a crítica não faz outra coisa senão declarar ao outro (espectro) sua admiração, sua dívida, seu reconhecimento — “a necessidade de ser fiel à herança a fim de reinterpretá-la e reafirmá-la ao infinito” (Derrida, Roudinesco, 2004 p.14). Segundo Derrida, “uma herança é sempre a reafirmação de uma dívida, mas uma reafirmação crítica, seletiva e filtrante” (Derrida, 1994a, p.124). O mesmo vale para a crítica que, entre vários espíritos, precisa reconhecer criticamente sua própria dívida espectral nunca quitada; e só à medida em que ela herda lhe permite dar testemunho de que ela é (herança-crítica). Ao crítico, enquanto herdeiro enlutado mas nunca falido, resta saber que “a herança não é jamais dada, é sempre uma tarefa” (Derrida, 1994a, p.78). Assim, designa tarefas contraditórias à crítica que acabam atestando sua finitude, ou melhor, sua condição mesma de interpretação permanente. Compete ao crítico eleger seus amigos escritores com os quais ele quer dialogar criticamente, posto que ele sabe que sua biografia também se inscreve em seu julgamento do outro e de si. “Nunca falo do que não admiro”, diz Derrida em “Escolher sua herança”, ao se referir aos amigos que contribuíram para sua herança intelectual (Derrida, Roudinesco, 2004, p.14).

Passados trinta anos da morte de Clarice Lispector, podemos dizer, e aqui sempre na esteira do pensamento espectral de Derrida, que a tarefa da crítica consiste em não insistir que se trata de um *retorno à Clarice*, já que ela nunca ainda saiu do cenário fantasmático da crítica

brasileira, mas, sim, de um *retorno de Clarice*, ou seja, trata-se de levar em conta que uma certa espectralidade dela retorna por meio dos comentários, exposições e homenagens (este texto pode ser um exemplo) e se impõe, fazendo com que a própria crítica não resista ao que esse espectro re-tornado demanda com sua aparição (virtual, midiática, impressa etc). Assim, resta à crítica, em nome desse espírito de Clarice, querer *desconstruir* suas idéias, no sentido derridaiano do termo. Suplementam-se idéias, autores, livros, textos, sentidos, leituras, biografias e espectros. Endossa nossa afirmação o que Ítalo Moriconi diz em “O espectro de Foucault”: “toda biografia é mitografia. Toda biografia é autobiografia do narrador. Lerescrever a vida do outro espectral pode ser, deve ser, efetivamente é, exercitar-se numa escrita de si, releitura de si. As biografias de Foucault. Delas ressalta o caráter de signo autobiográfico inerente a toda história intelectual (auto-reflexionada, auto distanciada) de uma vidaobra. Minha formação: minha auto-reflexão na relação especular com o signo-a-si desta vidaobra. O Foucault espectral. Autor: assinatura, signo, fetiche, espectro. (Apud Margens/Márgenes, p.52).

Nesse sentido, a crítica feita a Clarice Lispector é mais do que um suplemento à sua biografia intelectual; é a soma de espectros e de traços autobiográficos. A própria crítica é espectral e se faz numa relação não menos espectral: *ela pensa estar vendo o outro, quando na verdade é o outro quem a vê*.

Derrida abre o “Exórdio” de seu livro se perguntando, e questionando quem sabe aprender a viver, quem pode dar lição, e o que quer dizer aprender a viver? (Derrida, 1994a, p.9). Esboça a seguir, mesmo que na forma de outra pergunta, uma possível resposta: *aprender a viver, ensinar a si mesmo a viver não é, para quem vive, o impossível?* Diz que por definição *viver não se aprende*. Conclui, por fim, que o tempo do “aprender a viver” consiste nisto para o qual o exórdio mesmo encaminha: “aprender a viver *com* os fantasmas, no encontro, na companhia ou no corporativismo, no comércio sem comércio dos fantasmas” (Derrida, 1994a, p.11). Nesse sentido, a literatura toda de Clarice poderia ser tomada como um exemplo perfeito do que postula Derrida sobre o “aprender a viver”. Na crônica sintomaticamente denominada de “Aprender a viver”, Clarice reitera: “pudesse eu um dia escrever uma espécie de tratado sobre a culpa. Como descrevê-la, aquela que é irremissível, a que não se pode corrigir? Quando a sinto, ela é até fisicamente constrangedora: um punho fechando o peito, abaixo do pescoço: e aí está ela, a culpa”. (Lispector, 1984, p.312). Talvez seja escusado dizer que o sentimento de culpa seja inerente à trajetória de vida de Clarice Lispector. Também não é por acaso que na crônica oportunamente intitulada “Pertencer” a escritora constata: “fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei.

Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado” (Lispector, 1984, p.153).

Pertencendo ou não pertencendo a ela mesma, ou à literatura brasileira, concluí que *pertencer é viver*, só lhe sobrando aprender a viver com culpa: “a culpa em mim é algo tão vasto e tão enraizado que o melhor ainda é aprender a viver com ela, mesmo que tire o sabor do melhor alimento: tudo sabe mesmo de longe a cinzas” (Lispector, 1984, p.312). Tais cinzas, tais restos dispersos de uma vida cultural diaspórica migram para o mundo da ficção da escritora, tingindo sua escrita com um traço biográfico que faz toda a diferença.³

Entre muitos outros, a culpa é um dos fantasmas que vão acompanhar a escritora até o fim da vida. “Não sou dos que se libertam”, diz ela (Lispector, 1984, p.312). Ou seja, *como não há libertação, como ensinar a si mesma a viver é impossível*, e já que *ninguém pode dar lição*, resta aprender a viver com a culpa de *não saber-viver* (talvez aqui entre a escrita, na qual chegaremos só-depois).

Numa Entrevista dada a menos de dois meses da morte, e publicada com o título de “Estou em guerra contra mim mesmo”, Derrida é intimado a falar sobre o desejo de “saber viver” tratado por ele há mais de dez anos no Exórdio de *Espectros de Marx*. Responde de forma incisiva: “não, nunca aprendi-a-viver.(...). Aprender a viver deveria significar aprender a morrer.(...). Desde Platão, é a velha injunção filosófica: *filosofar é aprender a morrer*. Acredito nessa verdade sem a ela me entregar inteiramente. Cada vez menos” (*Apud Margens/Márgenes*, p.13). Derrida deixa claro que *todos os conceitos que o ajudaram a trabalhar* durante toda a vida, sobretudo o de rastro ou o de espectral, estavam ligados a ‘sobreviver’ como dimensão estrutural, já que “a sobrevivida não deriva nem de viver nem de morrer” (*Apud Margens/Márgenes*, p. 13). E conclui, digamos, de forma claricianamente: “no momento em que deixo (publicar) ‘meu’ livro (ninguém me obriga), torno-me, aparecendo-desaparecendo, como o espectro ineducável que jamais terá aprendido a viver. (...). Deixo um pedaço de papel, parto, morro: impossível sair dessa estrutura, ela é a forma constante de minha vida. Cada vez que deixo partir alguma coisa, vivo a minha morte na escritura” (*Apud Margens/Márgenes*, p. 15) Digo de forma à la Clarice Lispector porque a obra toda da escritora pode ser lida como uma escritura sobre/ vida enquanto sobre (a) vida. Quem contra-argumentaria a mim de que não retirei esta seguinte passagem de uma página qualquer de *A paixão segundo G.H?* : “a sobrevivência é a vida além da vida, a vida mais que a vida, e o discurso que sustento não é mortífero, pelo contrário, é a afirmação

de um vivo que prefere o viver e portanto o sobreviver à morte, pois a sobrevivida não é simplesmente o que resta, é a vida mais intensa possível. Nunca me sinto tão obcecado pela necessidade de morrer do que nos momentos de felicidade e gozo. Gozar e chorar a morte que espreita, para mim, é a mesma coisa. Quando recordo a minha vida, tendo a pensar que tive essa chance de amar até os momentos infelizes de minha vida, e de abençoá-los” (*Apud Margens/Márgenes*, p. 17). Afinal não é à toa que, para Clarice Lispector, “escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada” (Lispector, 1984, p. 191).

Quer seja na filosofia, quer seja na ficção, quer seja pelo pensamento filosófico ou literário, quer seja em Derrida ou em Clarice, quer seja Derrida ou Clarice, o processo de (des)aprendizagem pela *sobrevivência* (sobrevivida) parece ser o mesmo. No final da vida, Derrida diz que apesar de acreditar na verdade platônica de que *filosofar é aprender a morrer*, a ela se entrega “cada vez menos”, conforme vimos antes. Ou seja, entendemos que, mesmo que Derrida tenha filosofado até o fim da vida, ele permaneceu “ineducável quanto à sabedoria do saber-morrer”, assim como nunca *aprendeu-a-viver*, como já dissemos. A réplica para Clarice não seria menos verdadeira: *escrever é aprender a morrer*. Mas, não no sentido de salvação, posto que a escrita não salva o sujeito que a pratica. Sim no sentido de que se escreve apesar da vida e apesar da morte: a escrita, em Clarice, é sobrevivida. “Escrever é um dos modos de fracassar”, vaticinou certa vez a escritora. Talvez por ter tal consciência que ela tenha feito de sua busca pela linguagem sua travessia única⁴, realizando-se, assim, exatamente ali onde ela enquanto escritora mais fracassaria. Não saber-viver fez com que Clarice contornasse a falta, a culpa, o luto na escrita, e tudo sem nenhuma esperança de salvação. A ficção não compensa a vida, mas às vezes ocupa o seu lugar para que um espectro nela retorne. Se não em vida, depois da morte do sujeito o espectro escava para si (e para seu outro) um lugar de honra na cultura do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Trad. de Annamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994a.

DERRIDA, Jacques. Derrida caça os fantasmas de Marx: entrevista a Betty Milan. *Folha de São Paulo*, 26 de junho de 1994b.

DERRIDA, Jacques, ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã*: diálogo. Trad. de André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

³ Ver o livro *Restos de ficção*: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector, principalmente o texto “Nos limiares da vida e da ficção”.

⁴ “A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes” (LISPECTOR, 1979, p.172).

DERRIDA, Jacques. Entrevista. In.: *MARGENS/MÁRGENES* – Revista de Cultura, n.5, julho – dezembro, 2004, Belo Horizonte et al.. p.12-17: Estou em guerra contra mim mesmo.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *Apaixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1979.

MORICONI, Ítalo. In.: *MARGENS/MÁRGENES* – Revista de Cultura, n.6/7, janeiro – dezembro, 2005, Belo Horizonte et.al.. p.46-57: O espectro de Foucault.

NOLASCO, Edgar Cézár. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2007.

_____. *Espectros de Clarice: uma homenagem*. São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2007.